

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Julia Quinn

A SOMA DE
TODOS OS BEIJOS



* * * LIVRO TRÊS * * *



ARQUEIRO

Este é para mim.

E também para Paul.

Mas principalmente para mim.

PRÓLOGO

Londres. Tarde da noite. Primavera de 1821.

— **Q**uem tem boa memória sempre vence no *piquet* – disse o conde de Chatteris para ninguém em particular.

Lorde Hugh Prentice não o ouviu. Estava longe demais, à mesa perto da janela, e – o que era mais relevante – um pouco bêbado. Mas, se tivesse escutado o comentário de Chatteris – e se não estivesse embriagado –, ele teria pensado: “É por isso que eu jogo.”

Não teria dito isso em voz alta. Hugh nunca fora dado a falar apenas para que sua voz fosse ouvida. Mas teria pensado isso. E sua expressão teria mudado. Um dos cantos de sua boca teria se curvado e a sobrancelha direita poderia ter se arqueado, apenas um pouco, mas o suficiente para um observador atento considerá-lo presunçoso.

No entanto, verdade seja dita, a sociedade londrina era bastante carente de observadores atentos.

Exceto por Hugh.

Hugh Prentice observava tudo. E também se lembrava de tudo. Se quisesse, podia recitar *Romeu e Julieta* inteiro, palavra por palavra. *Hamlet* também. *Júlio César* não, mas só porque nunca o lera.

Seu talento raro o levava a ser punido seis vezes em seus primeiros meses em Eton por suspeitas de ter trapaceado nas avaliações. Ele logo percebeu que sua vida seria infinitamente mais fácil se errasse uma ou duas questões de propósito nas provas. Não que ele ligasse para as acusações de trapaça – *sabia* que não havia trapaceado e pouco lhe importava alguém pensar o contrário –, mas era uma amolação ser convocado a ficar de pé diante de seus professores regurgitando informações até convencê-los de sua inocência.

Se havia uma área em que sua memória realmente vinha a calhar era nos jogos de cartas. Sendo o filho mais novo da marquesa de Ramsgate, Hugh

sabia que não herdaria nada. Esperava-se que os filhos mais novos entrassem para o Exército, o clero ou se tornassem caçadores de fortuna. Como Hugh não levava jeito para nada disso, teria que encontrar outros meios de sustento. E apostar era ridiculamente fácil para quem tinha a capacidade de memorizar cada carta jogada – na ordem – durante toda uma noite.

O difícil era encontrar cavalheiros dispostos a jogar, já que a notável habilidade de Hugh no *piquet* se tornara lendária. Contudo, desde que houvesse jovens bêbados o bastante, sempre haveria alguém tentando uma rodada. Todos queriam vencer Hugh Prentice nas cartas.

O problema era que nesta noite Hugh também estava bêbado “o bastante”. Isso não era comum; nunca lhe agradara a perda de controle que advinha de uma garrafa de vinho. Mas ele tinha ido com amigos a uma taberna em que as canecas eram grandes, a multidão era barulhenta e as mulheres eram excepcionalmente curvilíneas.

Quando eles chegaram ao clube e puseram as mãos em um baralho, Daniel Smythe-Smith, que recentemente obtivera seu título de conde de Winstead, já havia bebido muito. Estava fazendo descrições vívidas da mulher com quem acabara de ter relações enquanto Charles Dunwoody prometia voltar à taberna para superar o desempenho do amigo. E até mesmo Marcus Holroyd – o jovem conde de Chatteris, que sempre fora um pouco mais sério do que os outros – ria tanto que quase caiu da cadeira.

Hugh havia preferido a jovem que o servira à de Daniel – um pouco menos exuberante, um pouco mais ágil –, mas se limitou a sorrir quando lhe pediram que revelasse os detalhes. Lembrava-se de cada centímetro dela, é claro, mas nunca falava sobre intimidades sexuais.

– Desta vez vou vencer você, Prentice! – vangloriou-se Daniel.

Ele se encostou de forma relaxada na mesa, exibindo seu sorriso inconfundível, que praticamente cegava os outros. Sempre fora o mais encantador do grupo.

– Pelo amor de Deus, Daniel! – gemeu Marcus. – De novo, não!

– É sério, vou conseguir – garantiu Daniel, brandindo um dedo no ar e caindo na gargalhada quando o movimento o fez perder o equilíbrio. – Desta vez vou conseguir.

– Ele vai! – exclamou Charles Dunwoody. – Sei que vai!

Ninguém se deu ao trabalho de comentar nada. Mesmo sóbrio, Charles Dunwoody parecia saber muitas coisas que não eram verdade.

– Não, sério, vou mesmo – insistiu Daniel. – Porque você – ele apontou para Hugh – bebeu muito.

– Não tanto quanto você – salientou Marcus, mas deu um soluço ao dizer isso.

– Eu contei – disse Daniel, triunfante. – Ele bebeu mais.

– Eu bebi mais que todo mundo – gabou-se Dunwoody.

– Então decididamente *você* deveria jogar – disse Daniel.

A partida teve início, o vinho foi servido e todos estavam se divertindo muito até que...

Daniel ganhou.

Hugh pestanejou, olhando para as cartas na mesa.

– Ganhei – afirmou Daniel, com considerável assombro. – Estão vendo isso?

Hugh reviu mentalmente o baralho, ignorando o fato de que algumas das cartas estavam atipicamente indistintas.

– Ganhei – repetiu Daniel, desta vez para Marcus, seu amigo de longa data.

– Não – retrucou Hugh, principalmente para si mesmo.

Aquilo era impossível. Simplesmente impossível. Ele nunca perdia no baralho. À noite, antes de dormir, era capaz de se lembrar de cada carta que pusera na mesa ao longo do dia. Até mesmo da semana.

– Nem eu sei como consegui – disse Daniel. – Veio um rei, mas depois veio um sete e eu...

– Era um ás! – disparou Hugh.

Não queria ouvir nem mais um segundo que fosse daquela idiotice.

– Hummm. Talvez.

– Deus! – bradou Hugh. – Alguém o faça calar a boca.

Ele precisava de silêncio. Precisava se concentrar e recordar as cartas. Se conseguisse, a história terminaria. Como na vez em que havia voltado tarde para casa com Freddie e o pai os esperara com...

Não, não, não. Isso era diferente. Eram cartas. *Piquet*. Ele nunca perdia. Essa era a única, única, certeza que tinha na vida.

Dunwoody coçou a cabeça e olhou para as cartas, contando em voz alta.

– Acho que ele...

– Winstead, seu trapaceiro desgraçado! – gritou Hugh, as palavras saindo espontaneamente.

Ele não sabia de onde tinham vindo ou o que o levava a dizê-las, mas no momento em que foram pronunciadas elas encheram o ar, uma onda agressiva pairando acima da mesa.

Hugh começou a tremer.

– Não – disse Daniel.

Apenas isso. Apenas *não*, com uma das mãos trêmula e uma expressão confusa. Desconcertado, como...

Mas Hugh não queria saber. Não conseguia pensar, então se levantou de repente, derrubando a mesa enquanto se apegava à única coisa que sabia que era verdade: o fato de que *nunca* perdia um jogo de cartas.

– Não trapaceei – garantiu Daniel, piscando várias vezes.

Ele se virou para Marcus.

– Eu não trapaceio – assegurou.

Mas ele tinha que ter trapaceado. Hugh tentou mais uma vez relembrar as cartas do jogo, mas ignorou o fato de que, em sua mente, o valete de paus estava mesmo segurando um pedaço de pau e perseguia o dez, que bebia vinho de uma taça muito parecida com a que agora estava estilhaçada a seus pés...

Hugh começou a gritar. Não tinha a menor ideia do que estava dizendo, apenas que Daniel havia trapaceado, a rainha de copas tinha atrapalhado tudo e 306 vezes 42 sempre fora 12.852, não que soubesse o que isso tinha a ver com qualquer coisa. Mas agora havia vinho no chão, as cartas estavam por toda parte e Daniel estava balançando a cabeça e dizendo:

– Do que ele está falando?

– Não havia possibilidade de você ter aquele ás – sibilou Hugh. – O ás estava depois do valete, que estava perto do dez...

– Mas eu tinha – disse Daniel, encolhendo os ombros. E deu um arrote.

– Não podia – retrucou Hugh, tropeçando e tentando se equilibrar. – Sei onde está cada carta.

Daniel olhou para as cartas. Hugh olhou também, para a rainha de ouros com vinho madeira cobrindo o pescoço feito sangue.

– Incrível – murmurou Daniel. Ele olhou nos olhos de Hugh. – Eu ganhei. Imagine só!

Estaria Daniel Smythe-Smith, o venerável conde de Winstead, zombando dele?

– Vou vingar minha honra – rugiu Hugh.

Daniel ergueu a cabeça, surpreso.

– O quê?

– Escolha seu padrinho.

– Está me desafiando para um duelo?

Daniel olhou para Marcus, incrédulo.

– Acho que ele está me desafiando para um duelo.

– Daniel, cale a boca – grunhiu Marcus, subitamente parecendo muito mais sóbrio do que os demais.

Mas Daniel o dispensou com um gesto e disse:

– Hugh, não seja idiota.

Hugh não pensou. Lançou-se contra Daniel, que pulou para o lado, mas não rápido o suficiente. Os dois caíram. Hugh bateu com o quadril em uma das pernas da mesa, mas mal sentiu a pancada. Deu um, dois, três, quatro socos em Daniel, até que alguém o puxou, contendo-o com dificuldade enquanto ele dizia, com raiva:

– Você é um maldito trapaceiro!

Porque ele tinha certeza disso. E Winstead *zombara* dele.

– Você é um idiota! – respondeu Daniel, limpando sangue do rosto.

– Vou vingar minha honra!

– Ah, mas não vai mesmo – bradou Daniel. – *Eu* vingarei a minha honra.

– No Campo Verde? – indagou Hugh friamente.

– Ao amanhecer.

Houve um silêncio opressivo enquanto todos esperavam que um dos dois voltasse à razão.

Mas eles não voltaram. Claro que não.

Hugh sorriu. Não podia imaginar um motivo que fosse para sorrir, mas ainda assim sentiu o sorriso surgindo em seu rosto. E, quando olhou para Daniel Smythe-Smith, foi como se enxergasse outro homem.

– Que seja.



– Você não tem que fazer isso – disse Charles Dunwoody com uma careta, enquanto terminava a inspeção da arma de Hugh.

Hugh não se deu ao trabalho de responder. Sua cabeça doía demais.

– Quero dizer, acredito que ele estava trapaceando. Devia estar porque,

bem, é você, e você sempre ganha. Não sei como consegue fazer isso, mas ganha.

Hugh mal moveu a cabeça, mas seus olhos descreveram lentamente um arco na direção do rosto de Dunwoody. Agora *ele* estava sendo acusado de trapaça?

– Acho que é a matemática – continuou Dunwoody, ignorando a expressão sarcástica de Hugh. – Você sempre foi excepcionalmente bom nisso...

Que agradável. É sempre muito bom ser chamado de excepcional.

– E eu *sei* que você nunca trapaceou em matemática. Deus sabe quanto o testamos na escola!

Dunwoody o encarou franzindo a testa.

– Como você faz isso?

Hugh o fitou.

– Está querendo que eu responda *agora*?

– Ah, não. Não, é claro que não.

Dunwoody pigarreou e deu um passo para trás. Marcus Holroyd seguia na direção deles, provavelmente para tentar evitar o duelo. Hugh observou as botas de Marcus pisando na grama úmida. Sua passada esquerda era mais longa que a direita, embora não muito. Provavelmente precisaria de mais quinze passos para alcançá-los, dezesseis se estivesse mal-humorado e quisesse invadir o espaço deles.

Mas aquele era Marcus. Pararia no décimo quinto passo.

Marcus e Dunwoody trocaram armas para inspeção. Hugh ficou perto do médico, que estava *cheio* de informações úteis.

– Aqui – disse o homem, batendo na parte superior da coxa dele. – Já vi isso acontecer. Artéria femoral. Você sangra feito um porco.

Hugh não disse nada. Não ia realmente *atirar* em Daniel. Tivera algumas horas para se acalmar e, embora ainda estivesse furioso, não via motivos para tentar matá-lo.

– Mas se só quiser algo que realmente doa – continuou o médico –, melhor é acertar a mão ou o pé. Os ossos são fáceis de quebrar e têm muitos nervos. Além do mais, não o matará. Não são coisas tão importantes assim.

Hugh era muito bom em ignorar pessoas, mas nem mesmo ele pôde deixar de se contrapor a isso.

– A mão não é importante?

O médico passou a língua pelos dentes e depois fez um som de sucção,

na certa para desalojar algum pedaço rançoso de comida. O homem deu de ombros.

– Não é o coração – retrucou.

Ele não deixava de ter razão, o que era irritante. Hugh odiava quando pessoas irritantes tinham razão. Ainda assim, se tivesse juízo, o médico calaria a porcaria da boca.

– Só não mire na cabeça – disse o médico, com um estremecimento.
– Ninguém quer isso. E não estou só falando do pobre coitado que será alvejado. Haverá miolos por toda parte, rosto dilacerado... Seria o fim do funeral.

– E foi esse o médico que você escolheu? – questionou Marcus.

Hugh virou a cabeça na direção de Charles Dunwoody e explicou:

– Quem o trouxe foi ele.

– Sou barbeiro – declarou o homem, na defensiva.

Marcus balançou a cabeça e caminhou de volta até Daniel.

– Cavalheiros, preparar!

Hugh não reconheceu quem dera a ordem. Devia ser alguém que ouvira falar do duelo e queria se gabar de tê-lo testemunhado. Não havia muitas frases mais chamativas em Londres do que “Vi com meus próprios olhos”.

– Apontar!

Hugh ergueu o braço e apontou. Dez centímetros à direita do ombro de Daniel.

– Um!

Meu Deus, ele se esquecera da contagem.

– Dois!

Sentiu um aperto no peito. A contagem. A gritaria. Era o momento em que os números se tornavam o inimigo. A voz de seu pai, rouca de triunfo, e Hugh tentando não ouvir...

– Três!

Hugh recuou.

E puxou o gatilho.

– Ahhh!

Ele olhou para Daniel, surpreso.

– Maldição! Você atirou em mim! – gritou Daniel.

Ele apertava o ombro, a camisa branca amarrotada já ficando vermelha.

– O quê? – disse Hugh para si mesmo. – Não.

Ele havia mirado para o lado. Não muito para o lado, mas tinha uma boa pontaria, uma excelente pontaria.

– Ah, meu Deus! – murmurou o barbeiro, correndo pela lateral do campo.

– Você atirou nele – afirmou Charles Dunwoody, arfando. – Por que fez isso?

Hugh ficou sem palavras. Daniel estava ferido, talvez mortalmente, e ele fizera isso. *Ele* fizera isso. Ninguém o forçara. E mesmo agora, enquanto Daniel erguia seu braço ensanguentado...

Hugh gritou ao sentir a perna ser dilacerada.

Por que ele tinha pensado que ouviria o tiro antes de senti-lo? Sabia como isso funcionava. Se Isaac Newton estivesse certo, o som viajava a uma velocidade de 298 metros por segundo. Hugh estava a uns 18 metros de Daniel, o que significava que a bala teria que ter viajado a...

Ele pensou. E pensou.

Não conseguiu encontrar a resposta.

– Hugh! Hugh! – Era Dunwoody, aos brados. – Hugh, você está bem?

Hugh olhou para cima e viu o rosto de Charles Dunwoody em borrões. Se estava olhando para cima, devia estar no chão. Pestanejou, tentando pôr seu mundo novamente em foco. Ainda estava bêbado? Havia consumido uma quantidade descomunal de álcool na noite anterior, antes e depois da discussão com Daniel.

Não, não estava bêbado. Pelo menos não muito. Havia sido baleado. Ou pelo menos achava que sim. Tivera essa sensação, mas na verdade não doía mais. Ainda assim, isso explicava por que estava deitado no chão.

Engoliu em seco, tentando respirar. Por que isso era tão difícil? Não fora atingido na perna? Isso *se* tivesse sido atingido. Não estava certo do que acontecera.

– Ah, meu Deus – disse uma nova voz.

Era Marcus Holroyd, pálido e ofegante.

– Ponha pressão nisso! – vociferou o barbeiro. – E cuidado com esse osso!

Hugh tentou falar.

– Um torniquete – disse alguém. – Deveríamos aplicar um torniquete?

– Tragam minha maleta! – gritou o barbeiro.

Hugh novamente tentou falar.

– Não desperdice suas forças – disse Marcus, segurando a mão dele.

– Mas não durma! – acrescentou Dunwoody, desesperado. – Mantenha os olhos abertos.

– A coxa – resmungou Hugh.

– O quê?

– Diga ao médico...

Hugh fez uma pausa, tentando respirar.

– A coxa. Sangra feito um porco.

– Do que ele está falando? – perguntou Marcus.

– Eu... eu...

Dunwoody estava tentando dizer alguma coisa que ficou presa na garganta.

– O quê? – perguntou Marcus.

Hugh olhou para Dunwoody. Ele não parecia bem.

– Acho que ele está tentando ser engraçado – disse Dunwoody.

– Pelo amor de Deus! – vociferou Marcus, virando-se para Hugh com uma expressão que ele achou difícil de interpretar. – Seu idiota, em vez de... Uma piada. Você está fazendo piada.

– Não chore – disse Hugh, porque parecia que ele ia chorar.

– Aperte mais – ordenou alguém, e Hugh sentiu algo puxando sua perna e depois apertando-a com força.

Em seguida veio a voz de Marcus:

– É melhor você ficar deitadoooooo...

E isso foi tudo.



Quando Hugh abriu os olhos, estava escuro. E ele estava em uma cama. Tinha se passado um dia inteiro? Ou mais? O duelo fora ao amanhecer. O céu ainda estava rosado.

– Hugh?

Freddie? O que Freddie estava fazendo ali? Não se lembrava da última vez que o irmão pusera os pés na casa de seu pai. Hugh quis pronunciar o nome dele, dizer quanto estava feliz por vê-lo, mas sentiu a garganta incredivelmente seca.

– Não tente falar – pediu Freddie.

Ele se inclinou para a frente, sua cabeça loura familiar entrando na dire-

ção da luz da vela. Eles sempre haviam sido parecidos, mais do que a maioria dos irmãos. Freddie era um pouco mais baixo, um pouco mais magro e um pouco mais louro, mas eles tinham os mesmos olhos verdes no mesmo rosto anguloso. E o mesmo sorriso.

Quando sorriam.

– Vou lhe dar um pouco de água – disse Freddie.

Cuidadosamente, levou uma colher aos lábios de Hugh, despejando o líquido na boca do irmão.

– Mais – resmungou Hugh.

Não sobrara nada para engolir. Cada gota fora absorvida por sua língua ressecada.

Freddie lhe serviu mais algumas colheres cheias de água e depois disse:

– Vamos esperar um pouco. Não quero lhe dar muito de uma só vez.

Hugh concordou com a cabeça. Não soube por quê, mas concordou.

– Dói? – perguntou Freddie.

Doía, mas Hugh teve a estranha sensação de que não doera tanto até que o irmão perguntasse.

– Sabe, ainda está aí – informou Freddie, apontando na direção do pé da cama. – Sua perna.

Claro que ainda estava lá. Doía infernalmente. Onde mais estaria?

– Às vezes as pessoas sentem dor mesmo depois de perderem um membro – apressou-se a completar Freddie, nervoso. – Chamam de dor fantasma. Li sobre isso, não sei quando. Algum tempo atrás.

Então provavelmente era verdade. A memória de Freddie era quase tão boa quanto a de Hugh e ele sempre havia gostado de ciências biológicas. Quando eram crianças, Freddie vivia ao ar livre, cavando a terra e coletando espécimes. Algumas vezes Hugh ia com ele, mas ficava muito entediado.

Hugh logo descobriu que seu interesse por besouros não aumentaria à medida que encontrasse mais e mais deles. E que o mesmo valia em relação aos sapos.

– Nosso pai está lá embaixo – comentou Freddie.

Hugh fechou os olhos. Foi o gesto que conseguiu fazer para mostrar que assentia.

– Preciso ir buscá-lo – disse o irmão mais velho, sem convicção.

– Não.

Cerca de um minuto depois, Freddie continuou:

– Beba um pouco mais de água. Você perdeu muito sangue. É por isso que se sente tão fraco.

Hugh tomou mais algumas colheres. Doía engolir.

– E também está com a perna quebrada. O fêmur. O médico pôs a perna no lugar, mas disse que o osso foi estilhaçado. – Freddie pigarreou. – Acho que você vai ficar preso aqui por algum tempo. O fêmur é o maior osso do corpo humano. Levará meses para sarar.

Freddie estava mentindo. Hugh podia perceber isso na voz do irmão. O que significava que o osso demoraria mais do que meses para se consolidar. Ou talvez nem se consolidasse. Talvez ele ficasse aleijado.

Isso não seria divertido?

– Que dia é hoje? – perguntou Hugh com a voz rouca.

– Você ficou inconsciente por três dias – respondeu Freddie, interpretando corretamente a pergunta.

– Três dias – repetiu Hugh. – Meu Deus!

– Cheguei ontem. Corville me avisou.

Hugh assentiu com a cabeça. Não era nenhuma surpresa que seu mordomo tivesse avisado Freddie de que o irmão quase morreria.

– E Daniel? – perguntou Hugh.

– Lorde Winstead? – Freddie engoliu em seco. – Ele se foi.

Hugh arregalou os olhos.

– Não, ele não morreu – apressou-se a completar. – Está com o ombro ferido, mas ficará bem. Só deixou a Inglaterra. Nosso pai tentou fazer com que fosse preso, mas você ainda não estava morto...

Ainda. Engraçado.

– ... e então, bem, não sei o que papai disse a ele. Winstead veio vê-lo um dia depois do ocorrido. Eu não estava aqui, mas Corville me disse que ele tentou se desculpar. O pai não foi... bem, você o conhece.

Freddie engoliu em seco e pigarreou.

– Acho que lorde Winstead foi para a França – concluiu.

– Ele deveria voltar – disse Hugh com dificuldade.

Não era culpa de Daniel. Não tinha sido ele quem exigira um duelo.

– Sim, bem, você pode resolver isso com o marquês – disse Freddie desconfortavelmente. – Ele tem falado em caçar Winstead.

– Na *França*?

– Não tentei discutir isso com ele.

– Não, claro que não.

Quem discutiria com um louco?

– Acharam que você poderia morrer – explicou Freddie.

– Eu sei.

E essa era a pior parte. Hugh realmente sabia.

O marquês de Ramsgate não podia escolher seu herdeiro: por ser o mais velho, Freddie obrigatoriamente receberia o título, as terras, a fortuna, tudo o que estivesse vinculado à sucessão legal. Mas, se lorde Ramsgate pudesse escolher, todos sabiam que sua opção seria Hugh.

Freddie tinha 27 anos e ainda era solteiro. Hugh tinha esperança de que ele se casasse, mas sabia que nenhuma mulher no mundo atrairia sua atenção. Aceitava isso em relação ao irmão. Não compreendia, mas aceitava. Só queria que Freddie entendesse que, mesmo assim, poderia se casar, cumprir seu dever e tirar toda aquela terrível pressão dos ombros do caçula. Muitas mulheres adorariam ver o marido fora de suas camas quando o quarto das crianças estivesse suficientemente povoado.

No entanto, o pai de Hugh ficara tão desgostoso que dissera a Freddie que não se desse ao trabalho de arranjar uma noiva. O título poderia lhe pertencer durante alguns anos, mas, segundo os planos de lorde Ramsgate, logo passaria para Hugh ou os filhos dele.

Não que o pai já tivesse demonstrado ter muita afeição por Hugh também.

Lorde Ramsgate não era o único nobre que não via nenhum motivo para tratar os filhos com igualdade. Hugh seria melhor para Ramsgate, portanto Hugh era melhor. Ponto final.

Porque todos sabiam que o marquês amava seu título de nobreza, Hugh e Freddie exatamente nessa ordem.

E provavelmente não restava nenhum amor para Freddie.

– Gostaria de láudano? – perguntou Freddie abruptamente. – O médico disse que eu poderia lhe dar um pouco se você acordasse.

Se. Mais engraçado do que *ainda*.

Hugh fez um gesto afirmativo com a cabeça e deixou o irmão mais velho ajudá-lo a ficar em uma posição mais ereta.

– Meu Deus, é horrível! – disse Hugh, devolvendo a xícara para Freddie depois de esvaziar seu conteúdo.

Freddie cheirou os resíduos.

– Álcool – confirmou. – A morfina é dissolvida nele.

– Exatamente o que me faltava – murmurou Hugh. – Mais álcool.

– O que disse?

Hugh apenas balançou a cabeça.

– Estou feliz por você ter acordado – disse Freddie em um tom que forçou Hugh a notar que ele não voltara a se sentar depois de lhe dar o láudano. – Vou pedir a Corville que avise o nosso pai. Prefiro não fazer isso se não for indispensável...

– É claro – disse Hugh.

O mundo era um lugar melhor quando Freddie evitava o pai. Era um lugar melhor quando Hugh também o evitava, mas naquele momento alguém tinha que interagir com o velho canalha, e ambos sabiam que precisava ser o caçula. O fato de Freddie ter ido lá, ao seu antigo lar em St. James's, era uma prova de seu amor ao irmão.

– Vejo você amanhã – disse Freddie, parando na porta.

– Não é preciso – disse-lhe Hugh.

Freddie engoliu em seco e desviou o olhar.

– Então talvez depois de amanhã.

Ou depois de depois de amanhã. Hugh não o culparia se nunca voltasse.



Freddie provavelmente instruíra o mordomo a esperar para avisar o pai sobre a mudança no estado de Hugh, porque se passou quase um dia inteiro antes de lorde Ramsgate irromper no quarto.

– Está acordado – vociferou.

Era impressionante como isso soava como uma acusação.

– Seu idiota! – sibilou Ramsgate. – Quase se matou. E para quê? Para quê?

– Também estou feliz em vê-lo, pai – respondeu Hugh.

Ele agora estava sentado, sua perna imobilizada esticada para a frente como um tronco de árvore. Sabia bem que parecia melhor do que se sentia, mas com o marquês de Ramsgate nunca se devia demonstrar fraqueza.

Aprendera isso muito cedo.

O pai lhe lançou um olhar desgostoso, ignorando seu sarcasmo.

– Você podia ter morrido.

– Deu para notar.

– Acha isso engraçado? – disparou o marquês.

– Na verdade, não – respondeu Hugh.

– Você *sabe* o que teria acontecido se você morresse.

Hugh esboçou um sorriso.

– Tenho pensado sobre isso, mas alguém realmente sabe o que acontece depois que morremos?

Meu Deus, como era bom ver o rosto de seu pai inchar e ficar vermelho! Desde que ele não começasse a cuspir.

– Não leva nada a sério? – perguntou o marquês.

– Levo muitas coisas a sério, mas não isso.

Lorde Ramsgate prendeu a respiração, com todo o corpo tremendo de raiva.

– Nós dois sabemos que seu irmão nunca se casará.

– Ah, então é *disso* que se trata? – devolveu Hugh, fazendo o possível para fingir surpresa.

– Não vou deixar Ramsgate sair desta família!

Hugh observou essa explosão de raiva por um tempo estudado e depois alegou:

– Ora, vamos, o primo Robert não é tão ruim. Até o deixaram voltar para Oxford! Bem, da primeira vez.

– Então é assim? – cuspiu o marquês. – Está tentando se matar só para me irritar?

– Acho que poderia irritá-lo com muito menos esforço do que isso. E com um resultado muito mais agradável para mim.

– Se quiser se livrar de mim, sabe o que precisa fazer – declarou lorde Ramsgate.

– Matá-lo?

– Seu maldito...

– Se eu soubesse que seria tão fácil, realmente teria...

– Apenas se case com alguma garota idiota e me dê um herdeiro – rugiu o pai.

– Já que o resultado seria o mesmo, prefiro que ela não seja idiota.

O marquês apenas balançou a cabeça, furioso. Um minuto inteiro se passou antes que voltasse a falar:

– Preciso ter certeza de que Ramsgate permanecerá na família.

– Eu nunca disse que não me casaria – observou Hugh, embora não fi-

zesse ideia do que o levava a dizer isso. – Mas não o farei de acordo com a sua programação. Além do mais, não sou seu herdeiro.

– Frederick...

– Ainda pode se casar – interrompeu-o Hugh, destacando cada sílaba. Mas o pai apenas bufou e encaminhou-se para a porta.

– Ah, pai – chamou Hugh antes que ele saísse. – Quer fazer o favor de avisar à família de lorde Winstead que ele pode voltar em segurança para a Grã-Bretanha?

– É claro que não. Por mim ele pode apodrecer no inferno. Ou na França. – O marquês deu uma risadinha sinistra. – Na minha opinião, dá quase no mesmo.

– Não há nenhum motivo para que ele não volte – ressaltou Hugh, com mais paciência do que se julgava capaz de ter. – Como nós dois podemos notar, ele não me matou.

– Ele atirou em você.

– Eu atirei primeiro.

– No *ombro*.

Hugh cerrou os dentes. Argumentar com o pai sempre fora extenuante. Além disso, o láudano o deixara entorpecido.

– A culpa foi minha – afirmou.

– Não importa – respondeu o marquês. – Ele foi embora andando. E agora você é um aleijado que talvez nem possa gerar filhos.

Hugh arregalou os olhos, alarmado. Ele tinha levado um tiro na perna. Na *perna*.

– Não pensou nisso, não é? – provocou o pai. – Aquela bala atingiu uma artéria. É um milagre que você não tenha sangrado até a morte. O médico acha que sua perna conseguiu permanecer com sangue suficiente para sobreviver, mas só Deus sabe sobre o resto do seu corpo.

Ele abriu a porta e proferiu sua última frase por cima do ombro.

– Winstead arruinou minha vida. Posso muito bem arruinar a dele.



A extensão total das lesões de Hugh só se tornaria conhecida vários meses depois. O fêmur sarou. Um pouco.

Sua musculatura pouco a pouco se recuperou. O que sobrara dela.

O lado bom era que tudo indicava que ele ainda poderia gerar um filho. Não que ele quisesse. Ou, mais exatamente, que tivesse tido oportunidade.

Mas quando seu pai pediu... ou, melhor, exigiu... ou, melhor ainda, arrancou-lhe as cobertas na presença de um médico alemão com o qual Hugh não teria gostado de deparar em um beco escuro...

Hugh puxou as cobertas de volta, fingiu um constrangimento mortal e deixou o pai pensar que estava irreparavelmente ferido.

E, durante toda a dolorosa recuperação, Hugh ficou confinado na casa do pai, preso à cama, forçado a aceitar a ajuda de uma enfermeira cujo modo especial de cuidar dele o lembrava de Átila, o Huno.

Ela também se parecia com ele. Ou pelo menos tinha um rosto que Hugh imaginou ser compatível com o de Átila. Na verdade, essa não era uma comparação muito lisonjeira.

Para com Átila.

Mas Átila, a Enfermeira, por mais rude e cruel que fosse, era preferível ao pai dele, que aparecia todos os dias às 16h com um conhaque na mão (apenas um, dele próprio) e as notícias mais recentes de sua caçada a Daniel Smythe-Smith.

E todos os dias, às 16h01, Hugh pedia que o pai parasse.

Apenas parasse.

Mas é claro que ele não parava. Lorde Ramsgate jurara caçar Daniel até um deles estar morto.

Finalmente Hugh ficou bem o suficiente para deixar a Casa Ramsgate. Ele não tinha muito dinheiro – apenas o que ganhara no tempo em que jogava –, mas possuía o bastante para contratar um criado pessoal e alugar um pequeno apartamento no Albany, um prédio de primeira classe para cavalheiros de linhagem impecável e fortuna inexpressiva.

Hugh aprendeu sozinho a andar de novo. Precisava de uma bengala para qualquer distância considerável, mas era capaz de atravessar um salão de baile com os próprios pés.

Não que ele frequentasse salões de baile.

Aprendeu a conviver com a dor constante de um osso mal consolidado e o latejar de um músculo distendido.

Ele se forçava a visitar o pai, tentar conversar racionalmente com ele, dizer-lhe que desse um fim à caçada por Daniel Smythe-Smith. Mas nada

funcionava. Seu pai se agarrava à própria fúria. Agora nunca teria um neto, vociferava, e tudo por culpa do conde de Winstead.

Não deu atenção quando Hugh salientou que Freddie era saudável e ainda poderia surpreendê-los e se casar. Muitos homens que preferiam ficar solteiros acabavam arranjando esposas. O marquês se limitou a cuspir. Literalmente cuspiu no chão e disse que, mesmo que Freddie ficasse noivo, nunca conseguiria gerar um filho. E, se por algum milagre conseguisse, não seria uma criança digna do nome deles.

Não, a culpa era do conde de Winstead. Hugh deveria dar um herdeiro para Ramsgate, mas, agora, vejam só: era um aleijado inútil. Que provavelmente também não poderia gerar um filho.

Lorde Ramsgate nunca perdoaria Daniel Smythe-Smith, o antes elegante e popular conde de Winstead. Nunca.

E Hugh, cuja única constante na vida era sua capacidade de olhar para um problema de todos os ângulos e encontrar a solução mais lógica, não tinha ideia do que fazer. Mais de uma vez pensara em se casar, mas, apesar do fato de que ele *parecia* estar em boas condições, sempre havia a chance de a bala ter lhe provocado algum dano. Além disso, pensou, olhando para sua perna arruinada, que mulher o desposaria?

E então um dia se lembrou de algo – um momento fugaz daquela conversa com Freddie logo após o duelo.

Freddie dissera que não tentara discutir com o marquês, e Hugh havia pensado: quem discutiria com um louco?

Finalmente encontrara a resposta.

Apenas outro louco.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre
Os Bridgertons, um amor de família

Rainha Charlotte

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo
Uma noiva rebelde

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma
Brilhante – A história de Belle
Indomável – A história de Henry

Os dois duques de Wyndham – O fora da lei / O aristocrata

A Srta. Butterworth e o barão louco

editoraarqueiro.com.br

